

O INVESTIMENTO NA LÍNGUA DOS SURDOS NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL

Ricardo Vianna Martins⁷

Gladis Perlin⁸

Wilson Miranda⁹

RESUMO

Nesse artigo fazemos uma apresentação e histórico do Projeto *INVESTINDO NA PRIMEIRA LÍNGUA DOS SURDOS NO INTERIOR DO RS*, financiado pela FAPERGS¹⁰ e com o apoio da FADERS¹¹, cujo objetivo básico é a transmissão e o desenvolvimento da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) em seis escolas no interior do Rio Grande do Sul. Esse projeto, desenvolvido desde março de 2001, é uma pesquisa-intervenção, um dos moldes da pesquisa participativa, que propõe um método - levar a LIBRAS diretamente aos surdos através de instrutores ou professores surdos – oferecendo a esses sujeitos algo mais que a mímica, uma língua, ampliando suas possibilidades subjetivas, de representação e de circulação.

Palavras Chave: Surdez; LIBRAS; Educação; Subjetividade.

SURDEZ EM REDE

O projeto “*Investindo na primeira língua dos surdos*” foi concebido a partir de uma série de intervenções iniciadas na Região Carbonífera do Rio Grande do Sul desde 1999, as quais nomeamos de “Surdez em Rede”, e que visavam incrementar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) junto às turmas de surdos em algumas cidades nessa Região, criando, ao mesmo tempo, um vínculo comunitário entre elas, uma rede.

Durante a implementação de “Surdez em Rede”, na Região Carbonífera do Estado, percebemos uma inconsistência nas propostas para educação dos surdos

⁷ Psicólogo, doutorando em Psicologia PUCRS. E-mail: martan@portoweb.com.br

⁸ Mestre em Educação, doutoranda em Educação/UFRGS. E-mail: gladisp@cpovo.net

⁹ Mestre em Educação, doutorando em Educação/UFRGS. E-mail: wmiranda@cpovo.net

¹⁰ FAPERGS - Fundação de Apoio a Pesquisa no Rio Grande do Sul.

¹¹ FADERS - Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiência e de Altas Habilidades no Rio Grande do Sul.

na Região¹². De um lado os **alunos vinculados há anos nas instituições, sem matrícula, ou seja sem um reconhecimento legal; semi-alfabetizados, sendo que a maioria nem sequer sabia assinar o nome completo; acolhidos, muitas vezes, por instituição como as APAEs e, o que é mais grave, com uma Língua de Sinais muito pouco desenvolvida ou ausente.** De outro lado, os professores despreparados para sua tarefa, começando pelo pouco conhecimento em Língua de Sinais e do significado da importância que esta Língua tem na formação subjetiva, social, cultural e comunitária do sujeito surdo.

Despreparo reconhecido pelos próprios professores e encarregados dessa educação especial, que apontam para uma insatisfação com o desenvolvimento e com as perspectivas futuras do seu trabalho pedagógico. Ressentem-se da pouca formação e da falta de orientação. Sendo que para vários desses professores o último curso, e único, data da década de oitenta.

Nessas cidades, onde os surdos são pouco numerosos, não existe uma diferenciação, por parte mesmo dos surdos, que lhes permita rejeitar, aceitar, negociar, com mais clareza direitos relativos à educação e à cidadania, desde coisas tão simples como: dirigir; beber (“se eles vêem essa foto lá em Butiá!”), exclama uma professora ao ver os surdos, todos maiores de dezoito anos, tirando uma foto com copos de cerveja na mão); namorar (“alguém pode fazer mal a ela”, diz uma mãe que proíbe a filha de ir à escola); ter filhos (laqueadura, onde a filha não será consultada, é o projeto de uma mãe que não quer um neto “com o mesmo problema”); passear (“ela não pode andar sozinha”, sempre as mulheres as mais vigiadas); “No futuro vai ouvir”, essa fala é muito comum naqueles pais que postergam qualquer projeto de educação para os filhos, quer dizer, quando ouvir vai poder fazer o que quiser, porém enquanto isso, é totalmente, ou quase totalmente incapaz. Já ouvimos essa frase de pais cujas idades dos filhos variavam de cinco a vinte e quatro anos.

Os surdos, nessas cidades, desprovidos de uma língua e sem condições de interlocução encontram-se por demais alienados nas propostas dos outros, propostas sem fundamentos e estigmatizantes, para descobrirem possibilidades e estratégias claras de autonomia. O sentimento comunitário é quase inexistente, insuficientemente para que os surdos possam se apoiar para construir uma autonomia relativa, equivalente e não assimétrica, a do seu entorno social ouvinte, a exemplo do que ocorre nos centros maiores.

Essa carência não é apenas social, mas subjetiva. Qualquer sujeito, surdo ou ouvinte, entra na comunidade humana através da linguagem. Sua constituição depende das escolhas, inconscientes, de identificações que, conforme Freud (1969), são conhecidas “(...) pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”. Assim, sem linguagem, sem algo que venha do

¹² Até onde temos informações, por outros pesquisadores, professores e de nossas visitas em outras regiões do Estado, a situação da educação de surdos não é diferente nas demais regiões: quando não é ausente é insuficiente.

outro, não existe sujeito. Sendo que a linguagem, na sua forma mais refinada, apresenta-se como língua.

ANTECEDENTES

“Surdez em Rede”, por sua vez, tem sua origem em nossas primeiras experiências, em outro projeto, na cidade de Charqueadas¹³, com o nome de “Surdez: Educação e Cidadania¹⁴”. Projeto submetido, aprovado e posto em execução pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Charqueadas em 1999, dotando o Município de uma educação bilíngüe para o ensino dos surdos e que pretendia também organizar a comunidade surda local.

O primeiro passo, em abril de 1999, foi a contratação de um professor surdo, que dividia as aulas com uma professora ouvinte, para ensinar Língua de Sinais aos alunos. Isso porque, mesmo sendo uma língua “natural”, a LIBRAS não se encontra imediatamente disponível aos mesmos. Pelo contrário, na maior parte dos casos, em torno de noventa e cinco por cento (Quadros, 1997), os surdos são oriundos de famílias de ouvintes. Famílias que, de acordo com Goldfeld (1997), por não saberem sinalizar, interagem muito pouco no cotidiano com a criança surda e, ainda assim, usando uma linguagem caseira sem os recursos de uma língua. Assim, os surdos, filhos de ouvintes, só encontrarão, se vierem encontrar, a Língua de Sinais junto a surdos adultos.

Então, esse tipo de interação, com o professor surdo fluente em LIBRAS, possibilita não só o desenvolvimento lingüístico dos alunos, mas também do professor ouvinte que, como referimos, muitas vezes recebeu apenas um pequeno curso com rudimentos de LIBRAS e cuja a tendência, por falta de contato com a comunidade surda, é a de regressão das suas habilidades lingüísticas. **Somente uma imersão constante na Língua de Sinais habilitará, de fato, o professor a compartilhar algum conhecimento com os alunos, caso contrário o que se observa é uma involução lingüística do professor ouvinte e o empobrecimento da relação aluno/professor.**

A presença de um professor surdo vem subverter, em grande medida, o estereótipo da surdez nessas comunidades. Ali os surdos geralmente são tratados como incapazes e dependentes, com uma perspectiva de empregabilidade, por exemplo, muito menor que os ouvintes, restando apenas aquelas tarefas que não requerem qualquer qualificação e/ou têm um caráter de filantropia. Onde a formação escolar é baixíssima, mesmo depois de anos de “estudo” esses alunos se encontram

¹³ Charqueadas - município da Região Carbonífera do RS, distante 56 km de Poa, com aproximadamente 28.000 habitantes. Os demais municípios citados distam entre 100 e 150 km de Porto Alegre.

¹⁴ Esses projetos foram concebidos e estão sendo executados por Wilson Miranda, Gladis Perlin e Ricardo Vianna Martins, membros do Núcleo de Pesquisa em Políticas de Educação para Surdos – NUPES, UFRGS/FACED.

fora de qualquer língua, seja de sinais seja a portuguesa, esse professor surdo só faz contrariar tudo que lhes foi proposto até então.

Não é por acaso que em muitos municípios as turmas de surdos estejam, hoje, freqüentando as APAEs. O problema não é dessas instituições em si, elas inclusive dão algum acolhimento deixado vago pelo Estado, porém o simples acolhimento não é política de Educação, é apenas uma forma de remediar a ausência, de longa data, de uma política educacional responsável, clara e eficiente nesse setor.

A partir do momento em que constatamos a mesma carência nas cidades vizinhas, passamos a levar nossas propostas para estas comunidades, agora com uma meta a mais: fazer com que estas pequenas comunidades de surdos criassem uma interação, entre si e com os centros maiores, que possibilitasse o incremento da LIBRAS e uma maior circulação dos surdos na Região, formando assim uma rede. A esta segunda fase, que se estendeu por Butiá, Triunfo e São Jerônimo, chamamos de “Surdez em Rede”.

“Investindo na primeira língua dos surdos” é um projeto que embora tenha sido concebido para um ano, limitação que consta no edital da agência financiadora (FAPERGS), não deve se limitar a esse período, mas tornar-se uma prática pedagógica constante. A aprendizagem de uma língua, da complexidade da LIBRAS, certamente exige um período bem maior que o previsto no projeto. Isso faz com que continuemos elaborando outros projetos que permitam a continuidade dessa metodologia.

Em outros projetos de educação bilíngüe na América Latina, conforme López (1997), que trabalham as diversas línguas indígenas e o espanhol, análogo, portanto, ao nosso projeto, a existência de um quadro consistente de profissionais habilitados para trabalhar nesse contexto, só é possível depois que os envolvidos no processo, alunos como professores, fizerem uma reflexão sociolinguística ampla da situação que compartilham. Isso seguramente não se dá no curto prazo. Projetos dessa envergadura devem ser concebidos para serem desenvolvidos a médio e longo prazo, já que o aprendizado, a disseminação da língua e a formação de mestres na comunidade alvo requerem muito tempo, recursos e principalmente continuidade.

O PROJETO

Resumidamente, o projeto “Investindo na primeira língua dos surdos”¹⁵ tem:

a) o objetivo principal a disseminação da LIBRAS nas cidades próximas a Porto Alegre, porém fora do eixo metropolitano¹⁶.

¹⁵ Participam do Projeto: Charqueadas, Butiá, Camaquã, Novo Hamburgo, Osório e Triunfo.

¹⁶ Exceção feita a Novo Hamburgo, por solicitação da Secretaria de Educação, visto que muitos alunos que freqüentam aquela escola vêm de outras cidades como: Sapiranga, Parobé, Taquara, Igrejinha, etc.

b) como justificativas: nessas comunidades o pequeno número de surdos tem dificuldades de, por si só, criar e desenvolver uma língua de sinais, daí a necessidade de uma intervenção externa; **por não terem uma língua têm pouca autonomia, assim não circulam e não têm contato com outras comunidades utentes dessa Língua; ainda, a falta de uma língua não tem apenas implicações objetivas (de circulação, cognitivas, de acessibilidade) mas subjetivas – como o sujeito pode representar-se sem uma língua**, com pode significar-se sem o significante.

c) como metodologia: a contratação de um instrutor ou professor surdo que, trabalhando com o professor ouvinte que já acompanha a turma, fará a transmissão da LIBRAS. **A nossa estratégia é a de que se ensinarmos diretamente aos surdos, sem excluir professores e comunidade, mas focarmos no surdo, naquele que vai, de forma mais permanente, mais intensa e mais rápida se apropriar da LIBRAS, teremos, por tudo isso, uma efetividade muito maior e de longo prazo sobre o aprendizado.**

A presença do professor, ou instrutor, tem ainda uma influência exemplar, qual seja a de apontar que existem outras posições além da de deficiente/dependente. Um horizonte possível bem diferenciado daquele que normalmente se oferece.

d) Como instrumento de avaliação lingüística utilizamos o “Instrumento de Avaliação de proficiência da LSB” (IAPLSB), de Quadros (2000), com o propósito de acompanhar o desenvolvimento lingüístico em que se encontram essas turmas de surdos no início do Projeto, bem como a sua evolução, no período de um ano, a partir do contato direto (dois dias por semana) com a LIBRAS através do instrutor surdo.

O desenvolvimento lingüístico se dá desde os primeiros contatos do surdo instrutor com os surdos locais. Sobre o aspecto da aquisição da língua, Crain & Martin (1999) afirmam que não há uma diferença significativa nesse processo entre as línguas orais e as de sinais. Dentro das hipóteses da Gramática Universal e os estudos levantados por esses autores, a forma e o tempo de aquisição são os mesmos para as mais diversas línguas em qualquer lugar do globo.

Nosso interesse em fazer uma avaliação lingüística é o de trazer um dado objetivo, sempre mais econômico e pontual, para que não nos baseemos apenas em nossas impressões sobre o estado da Língua de sinais nesses municípios em diversos momentos. Sabemos também, por outro lado, que na área da educação dos surdos no Brasil, principalmente no que se refere ao interior do país, existe uma carência de registros objetivos, sintoma das incertezas e da fragilidade das políticas educacionais.

Esses dados podem, em contrapartida, contribuir na futura tomada de decisões nas políticas de Educação, já que estamos recebendo o apoio da Secretaria de Educação do Estado, dos Municípios envolvidos e da FADERS. A Secretaria de Educação do Estado já tem, por exemplo, indicado que as Coordenadorias Regionais de Educação (CRE) façam um acompanhamento nas escolas estaduais onde se dá a pesquisa. Isso também contribuiu, em certa medida, com justificativas

para essas escolas incluam nos seus regimentos das turmas de surdos a importância da LIBRAS e a necessidade da contratação de um professor ou instrutor surdo. Propostas que surgiram das próprias escolas, pois esse não foi um trabalho isolado, escola por escola, mas com vários encontros reunindo todos os participantes.

RESULTADOS PRELIMINARES

O relatório final desse projeto deve ser encaminhado até julho/2002 para FAPERGS. Estamos nesse momento fazendo ainda as últimas avaliações lingüísticas e entrevistas.

Porém, de forma preliminar, podemos adiantar que nos aspectos objetivos da análise da produção sintática do IAP da LSB* - que avalia: a) o estabelecimento de referentes no espaço; b) o uso da concordância verbal; c) o uso de classificadores e d) o uso de marcadores não-manuais – ou seja, a fluência da LIBRAS, numa graduação que vai de zero a quatro, pontuando “um” na presença e “zero” na ausência de cada uma desses quatro elementos. Encontramos, nas cinco cidades que começaram esse ano o projeto, médias por cidade muito baixas. Variavam de zero (0,00) a zero vírgula vinte e sete (0,27) onde o máximo seria um (1,0).

Charqueadas, por outro lado, que tem desde o início de 1999 um professor surdo, alcançou uma média de zero vírgula oitenta e seis (0,86) na produção textual.

TABELA - MÉDIA E DESVIO PADRÃO DO IAPLSB**

Cidade	Nº participantes	Média	Desvio padrão
1 Charqueadas	4	0,86	0,14
2 B	12	0,27	0,25
3 C	6	0,25	0,16
4 D	6	0,00	0,00
5 E	6	0,29	0,29
6 F	14	0,14	0,16

Dados colhidos entre abril e maio de 2001.

**Participaram apenas alunos com mais de doze anos de idade

Especificamente em Charqueada, onde tivemos a oportunidade de fazer um acompanhamento mais longo, registrado através de filmagens das entrevistas e das atividades que promovemos, observamos a metamorfose por que passaram esses surdos. Desde a postura corporal e facial até as formas de expressão lingüística: da apatia à participação, do mutismo à conversação, do isolamento à interação. Mudanças, ao nosso ver, possibilitadas graças às opções de identificação, simbólica e imaginária, que esses surdos passaram a ter desde a presença de um surdo adulto que, ao se apresentar e apresentar a língua de sinais, ofereceu além da língua um mundo de possibilidades representacionais até então

* IAPLSB - Instituto de Avaliação de Proficiência da LSB

fora de cogitação. Uma situação de interação social com fortes efeitos intersubjetivos.

Para concluir, vale lembrar Bakhtin, para quem “(...) a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo *neutro*. Cada um dos demais sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica” (1997:36-7). Como a palavra, por sua plasticidade e neutralidade, o sinal – dentro de um sistema que é a língua de sinais, vai cumprir o papel de abandonar a pura mímica e permitir uma representatividade mais ampla ao sujeito, lembrando que é o significante que representa o sujeito para outro significante. Sem significante não há representação nem, conseqüentemente, significação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 1997.

CRAIN, S.; LILLO-MARTIN, D. An Introduction to Linguistic Theory and Language Aquisition. Massachusetts: Blakwell Publishers, 1999.

FREUD, S. Obras Completas, Edição Eletrônica – CD. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GOLDFELD, M. A Criança Surda. São Paulo: Plexus, 1997.

LÓPEZ, L. E. La Diversidad Etnica, Cultural y Lingüística Latinoamericana y los Recursos Humanos que la Educación Requiere. In Revista Iberoamericana de Educación, nº13, abril. 1997.

QUADROS, R. Educação de Surdos – A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. Instrumento de Avaliação de Proficiência da LSB. Relatório Final Técnico-científico. Bolsa Recém-doutor, UFRGS, Pós-Graduação em Educação, 2001.

